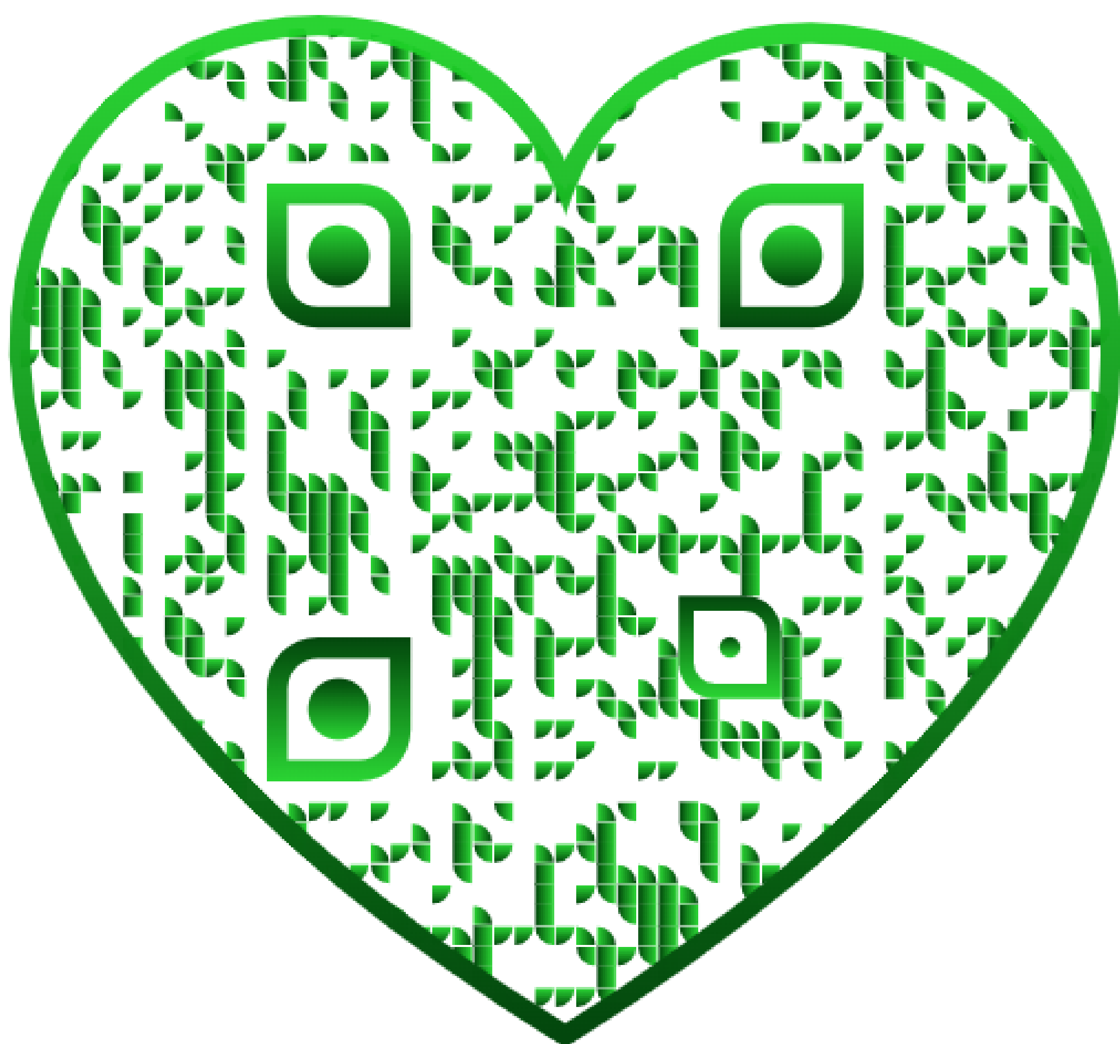
luiz biajoni

elvis & madona
[uma novela lilás]

baseado no filme de marcelo laffitte

língua geral

elvis e madonna v4.indd 3 24/09/10 14:26



Dizem que tudo o que acontece no mundo, acontece primeiro em Copacabana. E deve ser verdade. Esta história aconteceu lá. É uma história de amor, como milhares que vemos todos os dias. Mas é, ao mesmo tempo, singular, já que nunca se viu uma história de amor entre duas pessoas tão diferentes. Diferentes entre si, diferentes no mundo. Diferenças que se estreitam e viram semelhanças quando olhamos bem de perto para elas. Já que, de perto, ninguém é normal.

Esta é a história de Elvis e Madona.

elvis e madonna v4.indd 16 24/09/10 14:26

prólogo

— *Madona, eu vou operar!*

— ...

— É, eu já decidi! Vou pra São Paulo, botar buceta!

Era Índia Queen, a melhor amiga de Madona. Moraram juntas, ela ensinou tudo para a amiga iniciante, que não sabia nem andar de salto.

Há um tempo Índia falava destas duas ideias: ir pra São Paulo e botar buceta — fazer "a mudança", que era como todos chamavam. As duas ideias chocavam Madona. Não queria ir pra São Paulo, cidade horrível, cinza, alucinada. Muito menos botar periquita — ué, adorava o pirulitinho, como é que ia fazer com os clientes que gostavam de ser entubados?

Índia Queen foi. Uma nunca mais ouviu falar da outra.

Com ou sem buceta, as pessoas vêm e vão pelas nossas vidas.

Pelo menos, a maioria delas.

elvis e madonna v4.indd 18 24/09/10 14:26

cada um

"O amor é um pau no meu cu", vivia repetindo Madona — aliás, Adaílton. A vida dele, ou melhor, dela, não tinha sido fácil. Não mesmo. Nasceu longe, perto do fim do mundo, num subúrbio brabo, ali em Marechal Hermes. Filho do meio de uma família com duas irmãs mais novas e dois irmãos mais velhos. "Se pelo menos fosse o contrário", lamentava-se. Tinha que ajudar a mãe, doceira, cuidando das meninas enquanto os irmãos caçoavam dele, brigavam, batiam nele, chamavam-no de me-ni-ni-nha. "Com dez anos, eu já era toda feminina", costumava contar.

Para piorar, o pai era milico. Só não foi uma catástrofe total porque antes que Adaílton entrasse na adolescência e se descobrisse viado, o pai decidiu embarcar na onda do garimpo de Serra Pelada e se fodeu por lá — para lá foi, lá morreu, lá enterraram, ninguém deu por falta.

Chegando nos catorze, batendo nos quinze anos, Adaílton se deu conta de que gostava mesmo era de homem. Botava reparo em homem. Ia sempre de ônibus,

buscar coisas para a mãe no supermercado, nos horários de maior lotação, só para sentir o cheiro de homem, se esfregar um pouco em algum. Era novinho, não tinha nem pelos, mas desmunhecava que era uma beleza. Gostava até de assistir às peladas no campinho só para ver os garotos mais velhos sem camisa, aquela energia viril vibrante. Sentia uma coisa por dentro.

Como gostava de ler novelas de banca de jornal, achou uma moeda de troca: batia uma punheta para o seu Sérgio, o dono da banca, atrás do balcãozinho, e ele sempre deixava levar uma *Sabrina*, uma *Bianca* — contanto que devolvesse depois. Adaílton tomava cuidado com as coisas, não dobrava muito as páginas para não marcar. E bateria a punhetinha para o seu Sérgio mesmo se o coroa não emprestasse os livrecos. Quando relembrava essa época — e sempre fazia força para esquecer toda a infância, adolescência, juventude —, achava que o tal dono da banca tinha sido sua primeira experiência sexual. Não lembrava bem como tudo tinha começado. Achava que um dia, simplesmente do nada, o seu Sérgio tinha colocado o pau para fora e balançado a cabeça, como quem diz “mexe aí”. E ele mexeu. O seu Sérgio era casado, tinha filhos, quase um velhote, mas se ele dissesse que ia largar a família e ficar com Adaílton, Adaílton ia. “Achava que o paraíso era passar o resto da vida punhetando aquele velho”, diria mais tarde.

elvis e madonna v4.indd 20 24/09/10 14:26

O primeiro boquete, lembrava bem como tinha sido. Estava com Pedrinho — "Pedrinho Blue Eyes", que era como ele chamava o menino —, um ano mais velho, mas colega da mesma classe, na escola católica Evangelina Duarte Batista — os dois tomando sorvete, sentados no muro baixo em frente à casa de Adaílton.

Estavam ali, despreocupados e ingênuos, como convinha a dois garotos de catorze ou quinze anos lá em 1986. De repente, entre uma lambida e outra do picolé, Adaílton lembrou que não tinha ninguém em casa. Era raro que isso acontecesse, mas a mãe havia tido um compromisso qualquer, os irmãos estavam na escola e ele, bem, ele estava com as chaves de casa. Olhou para o Pedrinho, aquela masculinidade latente, aqueles cabelos louros caindo levemente nos ombros, o sol batendo nos braços dourados... e sentiu um arrepio. Convidou o Pedrinho para entrar. "Pra quê?", perguntou o garoto. "Vou te fazer uma surpresa", arriscou Adaílton. Entraram. Adaílton fez.

Aí passou a chupar quem quisesse ser chupado. Em qualquer lugar: uma pracinha, uma obra abandonada, um banheiro. Qualquer lugar servia. Ele realmente pegou gosto, não queria mais nada na vida. Mas a vida não era tão doce — "nem tão salgadinha!" — quanto a porra do Pedrinho: era muito mais amarga e ácida. Adaílton começou a apanhar também, passou a ser discriminado pelos colegas,

elvis e madonna v4.indd 21 24/09/10 14:26

pelos vizinhos, pelos irmãos; era um inferno em casa, era difícil em quase qualquer lugar que fosse. Quando percebeu que sua condição estava atrapalhando até mesmo a vida de sua família, fugiu. Foi no dia em que pegou o seu Anésio, dono do armazém, falando para a mãe que não queria que Adaílton entrasse mais lá. "O seu filho é viado, e acho que essa coisa pega: não quero ele perto do Júnior." Nesse dia, juntou umas roupas, botou numa sacola, deixou um recado para a mãezinha e caiu no mundo.

Foi parar primeiro no baixo meretrício de Marechal Hermes, nas imediações da rua do Mangue, onde conheceu um cafetão maconheiro, depois uma cafetina metida a mãezona. Vagou por ali, pagou uns boquetes, dormiu de favor em sofá de zona, teve que pedir dinheiro no sinal para comer um pão com ovo. Até que foi morar com uma traveca forte, de braços musculosos e pele vermelha, boa de porrada, a Índia Queen. Nunca soube o nome real dela, diziam que tinha tacado fogo na cédula de identidade. Era Índia Queen. Nos quatro ou cinco anos em que dividiu quarto com ela, ralou pra caralho — ou "ralou caralho pacas", como gostava de dizer. Aprendeu a se travestir, gostou de virar mulher, pagava de mulher para uns velhotes que gostavam de boquetes rápidos e baratos. Aprendeu a andar de salto e falar com biquinho, liberou seus trejeitos femininos represados por anos, deu muito e aprendeu a comer

elvis e madonna v4.indd 22 24/09/10 14:26

— "se for pra ter traveco de pau mole, homem prefere mulher". E gostou de comer, não é que não gostasse. Mas achava que era mulher demais para dominar, precisava da força do outro para sentir prazer. Essa era uma frase da Índia Queen que adotou como sua.

Quase nunca sentia, é bom que se explique. Prazer. Procurava incessantemente, mas era raro. A soma de alguns fatores podia gerar algum prazer: um homem bonito e doce que sabia ser enérgico e mau na hora certa; que a tratasse como um ser humano, não como "um pedaço de carne que está ali para gozarem em cima"; que gostasse de beijar (adorava beijar nos programas, embora fosse um tabu). Ela teve uns três ou quatro homens assim.

Um desses homens a conheceu bem depois, ela já tinha dez anos de pista, de boates, de inferninhos em todos os bairros da região. Já morava sozinha e fazia shows e programas no clube Suíngue, um dos mais chiques da zona norte. Era vista como traveca experiente, que gostava de se cuidar e não ia com qualquer um. Ela foi com esse um: João Tripé.

João era homem de contatos, conhecia gente de TV, gabava-se de cheirar cocaína com artistas e músicos, com Renato Russo. Distribuía droga para gente do teatro, da sociedade, andava bem-vestido e com carro bom. Naquele momento, procurava garotas para estrelar filmes pornôs

elvis e madonna v4.indd 23 24/09/10 14:26

brasileiros. Na verdade, a onda das garotas novinhas e inexperientes, encontradas em periferias do Rio ou no interior de Minas Gerais e Goiás, estava passando: o grande novo negócio era descobrir travecos, gays e hermafroditas.

João estava procurando talento, conheceu Madona. Ela se sentou com ele naquela noite, na boate, e ficou espantada com a cultura, a gentileza, o carisma de João. Não com a beleza, isso não: ele era feio como o diabo. Pardo, meio acinzentado, com cabelos longos e fedidos num pseudorrastafári, dentes falhados e amarelos, olhos pequenos e separados demais, era quase um bicho. Mas quando falava, tinha um certo brilho. Fumava com estilo, parecia o tipo de homem que sabe abraçar uma mulher.

Madona parecia uma mulher. João Tripé a levou para a cabeça de porco em que morava, em Copacabana; arrumou shows para ela, cafetinou, comprou roupas. Moravam juntos, eram quase um casal — embora João quase nunca voltasse para casa à noite e eles mal conversassem. Algumas vezes, ele chegava chapado e a acordava para uma trepada — ou para uma tentativa de. Em outras ocasiões, deixava um bilhete: "Show hoje, 9 horas, Leopardos" — e ela sabia que faria um show naquele horário, naquela boate. Ele negociava valores e ficava com a grana. Ela era muito boba. Acreditava em algo maior. Acreditava que lhe devia favores, já que ele a tinha tirado

elvis e madonna v4.indd 24 24/09/10 14:26

do buraco e levado para o centro do mundo. Achava que ele ia cuidar dela.

Não cuidava, mas também não descuidava. Às vezes trazia maconha ou pó, outras vezes aparecia com coisas estranhas, dizia que eram presentes para ela: cosméticos, lingeries, muambas variadas, fruto de roubos ou furtos, ou moeda de troca com drogas. Ela gostava. "Sou casada", dizia a quem perguntasse. "E mais feliz que muita mulher que eu vejo por aí."

Percebendo que tinha os dias livres, arrumou emprego numa padaria, como confeiteira. Aprendera tudo do ofício com a mãe. Até ganhava um bom dinheirinho — que escondia no fundo do guarda-roupa, em uma caixa de sapatos. Já fazia três ou quatro anos que estava em Copa, nesse ritmo, quando estourou uma bomba: a dívida de João com o tráfico estava tão alta que ou ele pagava ou morria. Vendo o desespero do companheiro, contou do dinheiro escondido — mas era pouco, precisava de três ou quatro vezes aquilo. Não viram outra alternativa, a não ser fazer uns filmes. Daqueles. Pornôs.

Madona estava relutante sobre isso. Desde que foram para Copa, existia essa ideia de entrar para o ramo, mas não quis. Chegaram a visitar uma gravação, para ver se tomava coragem, mas ela passou mal. Agora não tinha mais jeito: era isso ou João ia morrer.

elvis e madonna v4.indd 25 24/09/10 14:26

Fizeram um filme. Ela não gostou. Fizeram mais um, dois, três. Levantaram dinheiro para pagar o traficante, mas já não tinham mais como ficar juntos. Um não conseguia mais olhar para a cara do outro. Madona já não conseguia trabalhar na padaria, achava que todo mundo sabia da sua terrível vida “artística”. Chorou ao ver suas economias sendo levadas embora. Chorou ao ver sua foto com um pau na boca na contracapa do filme. Chorou quando percebeu que João estava há cinco dias sem dar notícias e ela não tinha nem dinheiro, nem amigos, nem para onde ir. Não era mais uma amadora, não era uma criança, não podia estar assim tão perdida, já com trinta anos.

“O amor, meu querido, é um pau no meu cu”, era o que dizia já naquela época, há mais de cinco anos. É o que pensa agora, sentada no chão do seu minúsculo apartamento, enquanto chora. João Tripé acabou de sair pela porta, deixando-a escancarada. Ela não o via há cinco anos e ele apareceu de repente, do nada, fazendo juras de amor. Acreditou novamente nele — e ele veio e levou todo o dinheiro dela de novo. Madona não merecia aquilo. Estava economizando para montar um espetáculo, um grande show, uma homenagem ao teatro de revista, um projeto que ela tinha com as amigas do salão. Sim, há cinco anos, assim que abandonou João e toda aquela loucura de pros-

elvis e madonna v4.indd 26 24/09/10 14:26

tituição e drogas e filmes pornôs, Madona foi acolhida por Rogério, uma bicha velha, dono de um dos melhores salões de beleza de Copa. A ideia do show nasceu ali e tanto Rogério como as meninas deram apoio e motivação a Madona. Quando João Tripé reapareceu, as meninas alertaram-na: "Não confia no malandro, deve ter algum interesse." Madona não deu ouvidos. Batendo nos trinta e cinco anos, ainda era a mesma sonsa ingênua. "Sou uma sonsa ingênua?", perguntou-se, soluçando.

"Não tem nada mais boneca do que ser assaltada pelo ex-cafetão e ficar sentada no chão, se debulhando em lágrimas", pensou. Não achou graça no clichê.



"Preciso parar com esses pensamentos que não levam a lugar nenhum!" A cabeça de Elvis — aliás, Elvira — era um turbilhão de pensamentos incessantes, especialmente dentro do capacete estiloso, enquanto ela pilotava sua bela e preta Suzuki. Os pensamentos tinham razão de existir. Ela estava fodida. Sem dinheiro e, em breve, sem ter onde morar.

Tinha nascido rica, mas as coisas deram errado para a família. De tudo o que tinham havia sobrado apenas o apartamento mixuruca em Copa, onde ela e a Suzuki mo-

elvis e madonna v4.indd 27 24/09/10 14:26

ravam. Mais nada. Quer dizer, tinha a casa lá em Poços de Caldas. Era um casarão, mas a mãe, dona Soraia, preferia morrer a pensar em vendê-la. Vender a casa podia resolver o problema financeiro da família, mas o orgulho quatrocentão falava mais alto. "Ah, velha casa da minha infância perdida, quem te diria que eu me desacolhesse tanto?", reclamava para si mesma, citando um Fernando Pessoa rápido. Era mais um pensamento indesejado.

Ela teve que fugir de Poços. A família estava ficando envergonhada com o seu jeito, com seus trejeitos, com o que andavam falando dela nas esquinas. Ela era masculina, quase um homenzinho — apesar do corpo miúdo e dos olhos azuis. Era linda, mas era um homenzinho. Foi a avó quem reparou, no começo da adolescência, vaticinando: "Essa mexerica tá mais pra limão!"

Como gostava de fotografia, foi para o Rio, fazer faculdade de comunicação — pretendia se tornar jornalista. O pai falou com ela, que adorou a ideia. Partiu de Poços em sua Suzuki, presente dele quando ela completou dezoito anos. Sentia-se o próprio Marlon Brando, com sua jaqueta de couro. "Morar no Rio, sozinha, uau!", pensou na ocasião. Logo viu que não era tão bom assim.

Quer dizer: foi. Foi bom. No começo. Pegar praia e a vida noturna de Copa e umas namoradas bonitas, mas... Achou tudo muito rápido e fácil e desestimulante. Até mes-

elvis e madonna v4.indd 28 24/09/10 14:26

mo a faculdade, a PUC — ela achava que sua cabeça ia explodir com as experiências cariocas —, foi só um estalo: ela era mesmo uma pessoa diferente, alguém que não sabia o que queria, que só queria estar bem e poder tirar suas fotos e fumar seu baseado sem ninguém para encher o saco.

"Às vezes acho que fico me autossabotando." Esse pensamento ocorreu no exato momento em que ela olhou no espelho do elevador e se viu com o uniforme de uma pizzaria, "Pizzaria Muzzarela & Cia., que nome ridículo!", com uma pizza gigante de palmito nas mãos. No papelzinho colado sobre a pizza, estava o nome da cliente: Madona. "Olha só pra mim, pagando de motogirl, indo levar pizza pra uma tal de Madona!" Achou aquilo surreal e cômico. Lembrou-se do último emprego, na lotérica, onde tinha que ficar nove horas por dia sentada, preenchendo jogos para velhinhos tarados e babões. "No que eu me tornei?"

E o elevador parou e ela saiu e bastaram alguns passos para que visse a cena: Madona sentada no chão do apartamento, com a porta aberta, soluçando, descabelada e insanamente dramática.

— O que aconteceu aqui? — quis saber, enquanto largava a pizza no sofá e se ajoelhava diante do traveco.

Madona ergueu a cabeça. Encontrou um par de olhos azuis, translúcidos, lindos. "Um anjo?", indagou a si mesma. Percebeu o uniforme da pizzaria, lembrou

elvis e madonna v4.indd 29 24/09/10 14:26

do pedido. A pizza que ela ia comer com João, naquela que seria sua noite de amor e reconciliação. Sentiu uma pontada no coração.

— Você é...

— Eu vim trazer a pizza.

— Eu... eu fui roubada...

Elvis se levantou num pulo.

— Vou chamar a polícia.

— Não!

— ...

— Se tá tudo fodido sem polícia, com polícia só pode piorar.

Ficaram se olhando por alguns momentos. Não havia por que ficar ali no chão, lamentando a merda toda da sua vida. Elvis ajudou-a a se levantar.

— Como é que foi isso?

— Ah, meu bem... Todo o dinheiro, todo o meu dinheiro, que eu ralei para ganhar e guardei em toda a merda da minha vida, o filho da puta levou...

— Foi alguém que entrou aqui?

— Não. Foi alguém que entrou aqui! — e Madona apontou para o próprio peito, num gesto dramático.

— ...

— Mas já saiu, meu bem...

— Tem certeza que não quer chamar a polícia?

elvis e madonna v4.indd 30 24/09/10 14:26